

REGIONAL

Xerifes das florestas

Para proteger unidades de conservação no Estado, eles fazem tocaia, perseguem caçadores e arriscam a própria vida na mata

DOMINGOS MARTINS – A prisão de caçadores do Norte ao Sul do Estado tem sido freqüente. Quem caça animais silvestres comete crime e contribui para a extinção das espécies.

E sem dúvida muitas delas já poderiam estar extintas, não fosse o trabalho de pessoas que arriscam a vida para proteger algumas das áreas onde ainda há mata nativa, que abrigam espécies cada vez mais raras no Espírito Santo. Em reservas criadas pelo poder público, ou por particulares, eles são verdadeiros “xerifes”.

É o caso dos guardas ambientais Alair Tedesco, 59 anos, do Parque Estadual de Forno Grande, em Castelo, e José Bellon, o guarda Belo, 46 anos, do Parque Estadual da Pedra Azul, em Domingos Martins. A história desses dois “xerifes das matas” se confunde com a das reservas.

O que não falta são relatos de tocaias e de confrontos com caçadores. Há 23 anos, eles são os guardiões das duas reservas. Nascidos na região serrana, os dois se dizem apaixonados pelo trabalho que fazem em prol da natureza.

“Se for considerar o nosso salário ou o apoio que recebemos, não vale a pena o risco que corremos. Mas nós temos prazer em contribuir para a preservação do meio



ambiente”, afirma Tedesco.

Eles acreditam que estão vivos até hoje por sorte. “Somos ameaçados de morte por caçadores que prendemos e que ficaram com raiva da gente”, diz o guarda Belo.

Os guardas contam que não têm mais o poder de prender caçadores, mas vigiam a mata para acionar a Polícia Ambiental caso desconfiem da presença de algum.

Tedesco conta que na maioria das ações os dois trabalharam em conjunto, mas ele lembra de um dia em que quase foi morto numa tocaia em que estava sozinho a espera de caçadores. Após denúncias anônimas, Tedesco descobriu uma armadilha de caçadores e se escondeu para abordá-los.

“Os caçadores vieram por um caminho atrás de mim. Um atirou com uma espingarda chumbeira. Por sorte, o tiro não me pegou em cheio. Foi Deus que me livrou da morte”, conta.

Após o tiro, Tedesco começou a gritar que iria “pegar” o caçador. “Acho que por isso ele correu e não terminou de me matar.”

Dezoito dias de tocaia

DOMINGOS MARTINS – Entre as várias histórias em 23 anos de trabalho, Alair Tedesco, do Parque Estadual de Forno Grande, e José Bellon, o guarda Belo, do Parque Estadual da Pedra Azul, lembram um caso em que ficaram esperando caçadores por 18 noites na região de Vai Vem, próximo à reserva de Forno Grande. Os dois “xerifes” esperavam os caçadores do lado oposto ao que eles entravam na mata.

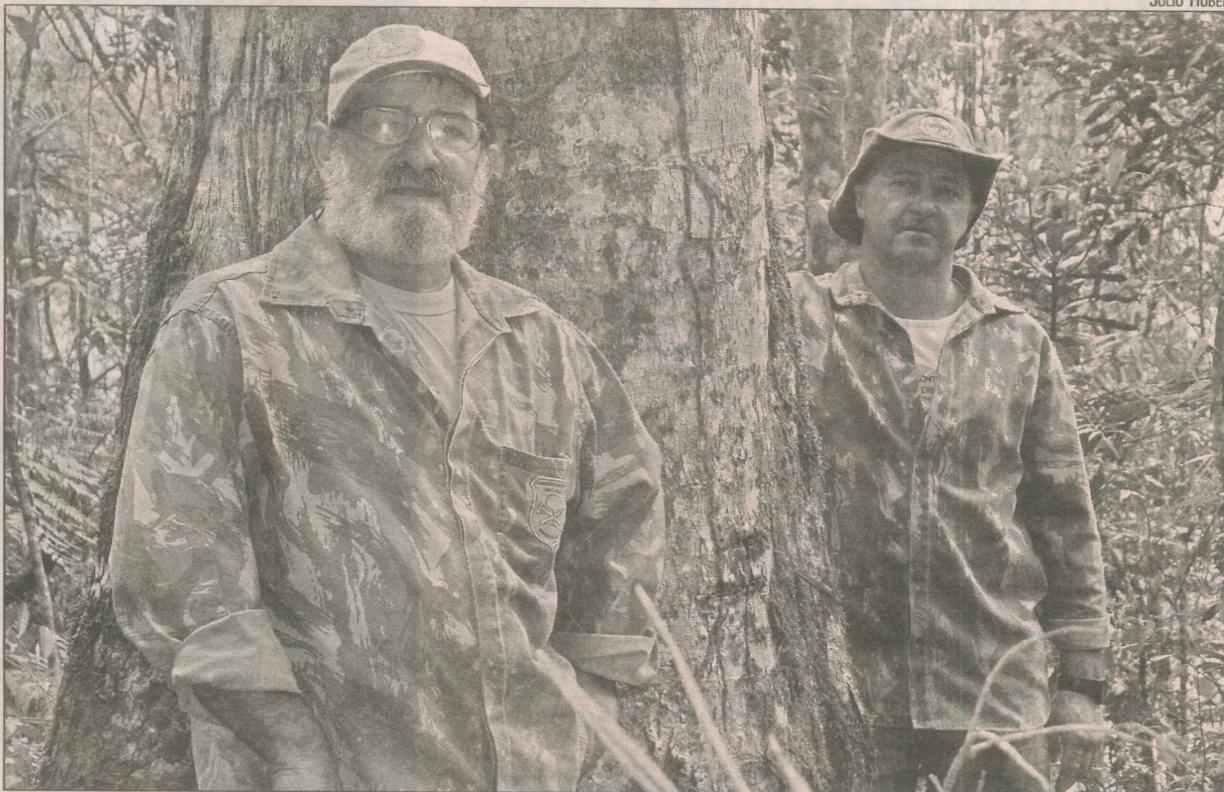
“Essa foi a espera mais longa para capturar caçadores. Nós identificamos o local onde eles esperavam os animais e entramos do lado oposto. Na 18ª noite de tocaia eles chegaram. Nesse dia escapamos por pouco da morte”, revela o guarda Belo.

No momento em que os caça-

dores chegaram, os dois guardas saíram da mata, rodaram a montanha e esperaram eles saírem por onde entraram. A estratégia combinada foi que o guarda Belo daria a voz de prisão e Tedesco apontaria a luz da lanterna para os caçadores. Mas algo deu errado.

“Quando os dois caçadores saíram da floresta eu dei a voz de prisão, mas a lanterna de Tedesco falhou. Quando ela acendeu, um dos caçadores estava ajoelhado na minha frente com o cano da espingarda encostado no meu pescoço”, contou Bellon.

Os caçadores se renderam quando Bellon falou que eles estavam cercados e começou a gritar o nome de dezenas de guardas, mas na verdade só havia ele e o amigo Tedesco no local.



Os guardas Alair e José ajudam a proteger reservas na região serrana há mais de 20 anos

AS HISTÓRIAS

PALMITO

Além da caça de animais, outra prática que existe é a de corte ilegal de palmito.

Em uma ocasião, os guardas ambientais Alair Tedesco, do Parque Estadual de Forno Grande, em Castelo, e José Bellon, do Parque Estadual da Pedra Azul, participaram de uma operação que resultou em troca de tiros com uma quadrilha que cortou centenas de palmitos.

Em uma vistoria nas matas, os dois descobriram um carregamento de palmito próximo a uma rodovia. “Montamos uma operação com equipes do Idaf e Polícia Ambiental. O cabo da polícia ia dar a voz de prisão para a quadrilha no momento em que eles estivessem carregando o caminhão. Mas o cabo deu a voz de prisão quando o caminhão estava chegando, aí

começou a troca de tiros”, disse Bellon.

Os outros integrantes da operação saíram do matão e perseguiram o caminhão. Um dos integrantes da quadrilha correu e foi perseguido e capturado por Bellon. “Até hoje ele me ameaça de morte”, conta o guarda.

ACAMPAMENTO

Um tatu abatido por um canhão, armadilha comum dos caçadores, foi encontrado pelos fiscais da Reserva de Sooretama, quando caminhavam no meio da mata.

“Esse tipo de armadilha é comum. Mas para flagrar o caçador é preciso utilizar recursos como ficar acampado no meio do matão por várias noites”, explicou o fiscal João Negrelli.

Numa dessas operações, ocorrida há

alguns anos, os fiscais flagraram, de uma vez só, um grupo composto por 22 caçadores que estavam em um acampamento no interior da mata. Todos foram presos.

ESTRATÉGIAS

Com o passar dos anos, a estratégia de caça mudou. Antes eram usadas armas como espingardas. Agora, os caçadores estão usando rifles com silenciadores.

Os animais são atraídos para áreas ao redor das reservas e mortos por caçadores escondidos no alto das árvores. As armadilhas também são usadas. “Atualmente, eles colocam alimentos dentro de um tubo de plástico enterrado no chão. Os animais entram para comer e não conseguem voltar”, explica José Bellon.

Terceira geração de guardiões no Sul

CACHOEIRO – Tudo começou com o fazendeiro Antônio Gomes do Nascimento, que em 1943 se mudou do norte fluminense para um pedaço de terra que adquiriu no distrito de Pacotuba, Cachoeiro: a fazenda Boa Esperança.

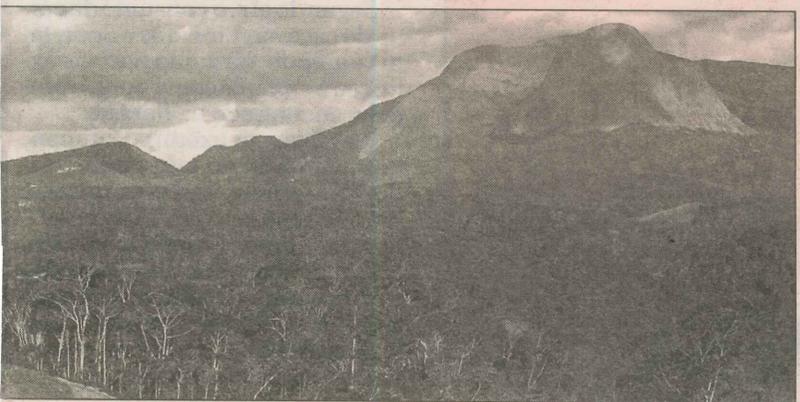
Vindo de uma terra com pouca área de mata, o fazendeiro encontrou uma bela floresta e decidiu preservar metade das terras, um costume pouco comum naquela época. Seu filho, Eraldo de Oliveira Nascimento, seguiu os passos do pai.

Os netos de Antônio foram ainda mais corajosos e transformaram 517 hectares de mata na Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) Cafundó, garantindo para as futuras gerações a preservação. Dessa forma, mesmo que a terra seja vendida, o futuro proprietário não pode desmatar.

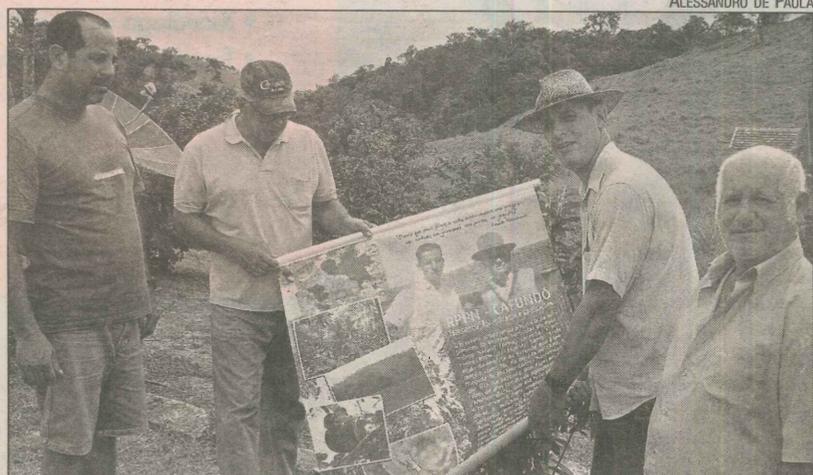
O filho de Eraldo, Luiz Nascimento, lembra que logo no início de sua chegada à região, o avô arrumou problemas com fazendeiros que gostavam de caçar. Ele apreendeu muitas armadilhas e

expulsou vários caçadores da floresta. “A iniciativa de meu avô de proteger a mata foi se fortalecendo. Meu pai deu seqüência e à noite corria a mata atrás de caçadores e armadilhas. Eu e meus irmãos Gustavo e José Antônio também já fiscalizamos a mata e ajudamos a prender um caçador”, contou.

A propriedade, atualmente, está dividida entre os quatro filhos e quatro netos de Eraldo, que criaram o Instituto Ambiental Cafundó para ajudar a conservar a RPPN. A mata conservada tem sido destino constante de pesquisadores, observadores de aves e outros turistas.



Parque Estadual da Pedra Azul, em Domingos Martins



Gustavo, Eraldo, Luiz e José Antônio na RPPN Cafundó